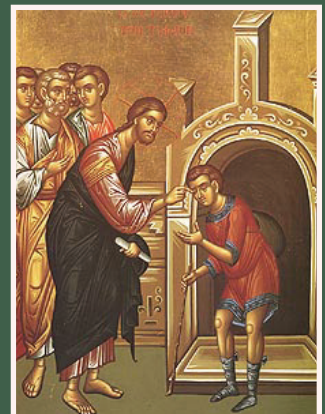
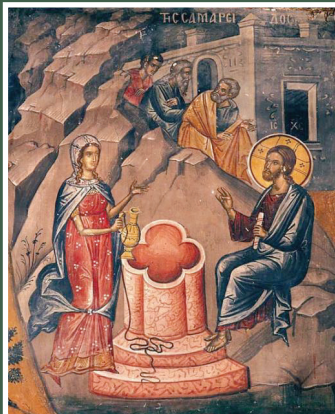
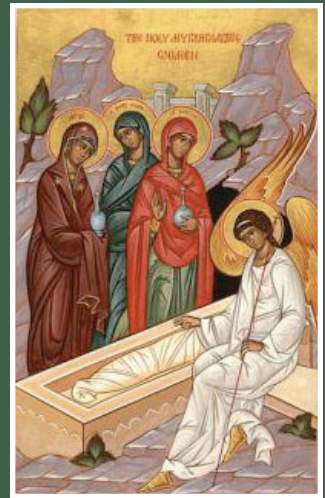
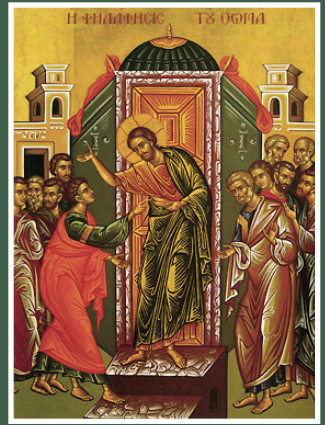


BOLETIM ORTODOXO

Eparquia do
Rio de Janeiro e
Olinda-Recife

Junho de 2013



EDITORIAL

Os cinco Domingos situados entre a Páscoa e o Pentecostes nos trazem ensinamentos que tanto derivam da Ressurreição, quanto nos apontam para o Pentecostes.

Os dois primeiros, historicamente ligados ao dia da Ressurreição, comentam como os discípulos e Apóstolos de Cristo receberam a Boa-Nova dentro do turbilhão de sentimentos e incertezas que os assolaram após a prisão, o martírio e a crucifixão do Mestre, e também como Ele os conduziu com paciência e ternura ao conhecimento da Verdade, do fato real e palpável da Ressurreição, ao mesmo tempo constituindo-os Arautos desta Boa-Nova.

Nos Domingos subsequentes, todos tirados do Evangelho de São João, através da vertente mística do Evangelista percebemos a transformação radical trazida pela Boa-nova.

O Domingo do Paralítico expõe a paralisia da alma que sucumbiu ao pecado, simbolizada pela impossibilidade total de cura daquele homem, aprisionado num ciclo vicioso, que foi totalmente destruído por Cristo, que liberta o homem, mas que também o responsabiliza, a partir de então, pela santidade e pureza da sua alma.

O mesmo sucede no Domingo do Cego de nascença, que representa as trevas nas quais o homem sucumbiu desde o seu "nascimento" para este mundo, afastado de Deus. Aqui Nosso Senhor partilha a cura com o próprio homem. Ele põe a lama nos olhos do cego, mas a cura, a visão, depende da sua fé, do seu movimento em direção ao poço para lavar os olhos, obedecendo ao Mestre.

O Domingo da Samaritana faz referência explícita e abrangente ao Pentecostes e a universalidade da Boa-Nova, que deve ser pregada a todos os povos e a todas as nações. As restrições dos judeus para com os samaritanos eram maiores do que para com qualquer outro povo, mas a Palavra avançando para além desses limites, anuncia *"que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai"* e que *"a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade."* (Jo 4,21-24)

O Senhor derrama sobre a Samaritana a graça do Espírito Santo, isso podemos perceber pela forma inspirada como ela tocou os corações dos seus compatriotas, levando-os até Cristo. Mas não antes de ser induzida por Ele à confissão dos seus pecados, o que ela o fez de forma dócil e verdadeira.

HOMILIA DE D. CHRISÓSTOMO

DOMINGO – 26/05/2013 (Jo 5, 1-15)

Amados Irmãos em Cristo e filhos em Igreja.

No Evangelho que acabamos de ouvir, Nosso Senhor cura um parálítico e diz: *“Não peques mais para que não te aconteça coisa pior.”* (Jo 5,14) O que poderia ser pior do que ser um aleijado, em completa solidão, largado numa calçada durante anos. Ignorado à beira da fonte de sua própria cura, mas impossibilitado de nela mergulhar.

A piscina está logo ali. Ela é a cura da paralisia do seu corpo. Mas é a paralisia do corpo que impede o movimento de alcançar a cura da própria paralisia. Era preciso ajuda, mas ele era um homem só, não havia ninguém disposto a ajuda-lo.

A situação parecia não ter solução. Era possível que ele passasse o resto da vida assim: solitário, abandonado, contemplando a cura sem poder desfrutar dela. Pode existir alguma coisa pior do que isso?

Pode e existe sim. Pois que pior do que passar a vida assim é passar uma eternidade em situação semelhante. O que é mais preocupante? Algo que é provisório, que nós sabemos que acabará, ou algo que pode se estender para sempre?

“Não peques mais para que não te aconteça coisa pior.” (Jo 5,14) . O pior que nos pode acontecer é nos tornarmos parálíticos na vida eterna.

Os judeus acreditavam que todos os males que acontecem na vida são consequência de um determinado pecado. E que esse pecado tanto poderia ter sido cometido pela pessoa, como poderia ter sido cometido por um antepassado dela. Pois que eles acreditavam que as consequências dos atos pecaminosos, em regra, atingiam até a sétima geração. Dessa forma, sempre que uma pessoa sofria uma doença, um acidente grave, ou qualquer outro revés na vida, isso era interpretado como consequência de um pecado. Mas semelhante julgamento parece que condenaria quase toda a humanidade. Pois, no fim das contas, todos nós somos pecadores.

Graças a Deus, o Cristianismo nos libertou desse entendimento, porque os homens sempre pecam. Os homens em geral cometem pecados pessoais contra o próximo, contra si próprio e contra a natureza. Nós também pecamos contra o nosso próprio ser interior, que é a verdade viva que existe em nós. E, o pior do que tudo, nós pecamos contra Deus.

Então seremos todos paralíticos na vida eterna? Não, porque o Nosso Senhor veio para salvar os pecadores. Ele veio para salvar as prostitutas, os ladrões, os publicanos, os marginalizados, e todos os que têm o corpo ou a alma doentes. Os justos e os bons não precisam ser salvos, porque já estão na espera do Reino dos Céus.

Esta imagem de salvação possui beleza e poesia. Primeiro temos um homem aleijado e abandonado. Mas que, apesar de tudo, ainda tem esperança e fé numa ajuda e numa cura que parecem impossíveis. Então, Cristo vai e pergunta humildemente: *“Queres ficar são?”* Quando o homem escuta isso diz em resposta: *“Senhor eu quero, mas na minha situação não consigo...”* E Cristo responde: *“Vai, levanta e anda.”* Esse é o diálogo que precisamos ter com Deus...

Mas aí, no final, ele diz: *“Vá e não volte a pecar, para que não lhe aconteça coisa pior.”* Mas o que seria esse pecado que causaria uma situação pior?

Ora, amados irmãos, pela nossa vida em Igreja, nós já sabemos que só existe um único pecado capaz de nos levar à doença e ao isolamento espirituais. Nós já sabemos que só existe um único e verdadeiro pecado capaz de nos levar ao encontro da morte antes mesmo da chegada da morte do corpo. Esse pecado é rompimento com Deus.

Romper com a fonte espiritual da vida é semelhante a desligar um aparelho da tomada. Ele para de funcionar. Muitas vezes esse desligamento não é total. Às vezes trata-se de mal contato ou de um encaixe mal feito. Nesses casos, o aparelho às vezes funciona e outras vezes não funciona. Tem muita gente que vive nesse fio da navalha: ora funciona, ora não funciona, colocando em risco o seu próprio ser na vida eterna.

O mundo em que vivemos é um estágio provisório. Nós também somos provisórios. Não sei se vocês já estão convencidos,

mas todos nós vamos morrer. Antes de nós e depois de nós já existem muitas gerações de mortos. A vida é provisória.

Ela tem um início e tem um fim. Mas esse tempo provisório não é inútil. Ele tem uma função. Ele tem um papel. Porque senão, ele não existiria. Deus não faz nada por fazer. Nada do que ele faz, ou permite que exista, é inútil. Tudo o que existe no mundo criado e no mundo incriado possui uma função. Tudo o que existe no mundo da matéria e no mundo espiritual tem uma razão de ser. Mesmo o mais insignificante instrumento possui um papel na sinfonia executada pela orquestra do Cosmos. Às vezes pode ser aquele címbalo que no finalzinho faz aquele “tim” que marca o encerramento da música.

A vida que nós vivemos aqui também tem a sua função. A vida que nós vivemos não é um simples acidente decorrente do pecado de Adão. O próprio paraíso adâmico era uma preparação para a encarnação do Verbo. O pecado adâmico não teve o poder de impedir essa encarnação. A humanidade pecadora teve de evoluir de forma semelhante ao que a humanidade paradisíaca também teria que evoluir. Para que o Verbo encarnasse no paraíso, também seria preciso que lá se gerasse uma humanidade capaz de receber a Encarnação do Verbo.

Independente dos pecados humanos, sempre foi necessário a realização de um estágio preparatório entre a criação do homem e a realização da plenitude da vida em Deus. Sempre esteve nos planos de Deus a necessidade de um estágio intermediário, de um estágio preparatório, de um aprendizado, de uma purificação. Ou então, se assim quisermos, a necessidade de uma Quaresma. Esta é a vida que nós vivemos.

A nossa vida é uma preparação, um aprendizado, uma purificação, uma Grande Quaresma. E, em razão de nossos pecados, ela é uma cura. É devido a isso que S. Paulo nos diz: *“Vós não sois deste mundo, vós sois estrangeiros, por isso o mundo vos aborrece.”*

Mas então, como podemos colocar tudo isso em termos práticos? A forma de nos mantermos conectados com a fonte da vida está no exercício dos preceitos cristãos. E como é que nós entramos nesse exercício? O primeiro dos preceitos é a humildade na obediência.

Se nós humildemente aceitarmos as prescrições da Igreja, obedecendo-as, logo de início ficaremos protegidos do Adversário. Pois a humildade na obediência é a única coisa que nos protege do demônio. A vida da Igreja está nas orações, nas leituras, nas contemplações, nos jejuns, nas abstinências, nos períodos de Quaresma, no silêncio, na caridade e no se preparar para a Eucaristia. Se nós cumprirmos com todos esses preceitos, nós vamos descobrir a verdadeira vida que existe dentro de nós. Como disse o Evangelista Lucas: *“...não procureis o Reino dos Céus em outro lugar. Ele se encontra em vosso coração”*.

Então o lugar do encontro com Deus, o lugar da descoberta do Reino dos Céus é o nosso interior, é nosso homem imaterial. Pois o nosso homem interior não está submisso às regras do tempo. Ele é o ser essencial que não ficará retido no caixão da morte. É nele que devemos mergulhar para descobrirmos a pessoa que nós verdadeiramente somos. É só nesse mergulho que poderemos descobrir a presença de Deus em nossas vidas.

A Igreja é um hospital, pois ao interior dela, os sacramentos, as orações, os jejuns, as liturgias..., vão, pouco a pouco, nos purificando. E a Igreja é uma escola, pois que ao mesmo tempo que nos purifica também nos ensina. Todas as leituras que fazemos, todos os cânticos, todas as salmódias que cantamos são pedagógicos. Eles nos ensinam e nos falam sobre a vida no futuro. Sobre a vida em Deus.

Nós tivemos a graça de termos sido chamados para viver em Igreja. Mas nós ainda não estamos na plenitude da nossa vida espiritual. Existe toda uma vivência que nós ainda não temos. A nossa ignorância nos impede de usufruir muita coisa. Isso é uma espécie de paralisia, isso é um aleijão, porque nós ainda não somos seres humanos em toda a sua plenitude.

Somos seres humanos provisórios, somos seres humanos em preparação. Nós não vivemos a plenitude da vida, mas ela existe em germe dentro de nós. É nesse sentido que esse paralítico é a imagem do homem que vive na terra. Se nós tivéssemos a sensatez e a lucidez de nos aceitarmos limitados e pequenos, nós já estaríamos praticando a virtude da humildade. Nós somos pequenos e frágeis em relação a plenitude do ser. Ao assumir a nossa pequenez damos o primeiro passo que é o despertar em nosso interior o sentido de plenitude. É

assim que a humildade faz nascer o segundo passo, que é o discernimento do que é verdadeiro. Depois vem um terceiro passo, que é a força de buscar a Verdade.

E é assim que nós vamos, nesse exercício, nessa vida em Igreja, nesse esperar e cultivar o ser para que a plenitude floresça e Deus nos apareça e diga: “Queres ser salvo”? “Mas Senhor, eu sou pequeno. Eu não consigo sozinho. Olha, eu estou paralisado. Para onde eu devo ir? Mostra-me. Eu preciso ser ensinado. Eu preciso ser tocado.” Então neste dia, Deus será nossa redenção.

Nós temos um tempo nesse mundo. Uma extensão de tempo que, graças a Deus, nós não sabemos qual é. O certo é que de alguma maneira nós temos que começar aqui e agora.

Nós não podemos ter uma vida de adiamentos: ‘Um dia eu faço’, ‘segunda-feira eu cuido disso’, ‘da semana que vem não passa’... Nós não podemos desperdiçar o tempo. O próprio Cristo diz que, na segunda vinda, Ele virá repentinamente como um ladrão. E, quando Ele vier, ai daquele que esteja comprometido com qualquer coisa que não possa interromper. Esse é uma alerta para que “estejamos atentos”. Manter-se atento é outro preceito cristão.

Em verdade, nós aqui também somos paralíticos. Nós também sabemos que existe um Anjo que traz a Salvação. Mas nós não estamos abandonados. Nós não estamos sozinhos. Nós temos uns aos outros no interior da Igreja. Nós temos os preceitos cristãos. Nós temos o Evangelho. Nós temos os Padres da igreja. Só precisamos fazer uso disso tudo para nos prepararmos com humildade e obediência. Até que um dia Cristo surja em nossa vida e pergunte: “queres ser salvos”? E nós daremos a mesma resposta que foi dada pelos profetas e pela Virgem Maria: “eis-me aqui.” E nesse momento a plenitude da vida se completará em nós, pela misericórdia e Graça que emana do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.



Festa da Ascensão de Nosso Senhor Deus e Salvador Jesus Cristo

Comemorada no quadragésimo dia após a Grande e Santa Festa da Páscoa, a Ascensão é também uma Festa móvel dependente da data da Páscoa e é sempre comemorado numa quinta-feira.

No quadragésimo dia após a Sua Ressurreição, nosso Senhor Jesus Cristo levou seus discípulos ao Monte das Oliveiras e, depois de abençoá-los e pedir-lhes para esperar o cumprimento da promessa do Espírito Santo, subiu aos céus.

História Bíblica

A história da Ascensão de nosso Senhor, celebrada como uma das Doze Grandes Festas da Igreja, é narrada no livro dos Atos dos Apóstolos 1:3-11. Também é mencionado nos Evangelhos de Marcos (16:19) e Lucas (24:50-53). O momento da Ascensão é contado em uma frase: *"foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos."* Atos 1:9.

Conforme os Atos dos Apóstolos, Seus discípulos estavam em Jerusalém. Foi a última aparição de Cristo na terra, tendo o Senhor lhes ordenado para não se afastarem de Jerusalém, mas que esperassem a "promessa do Pai". Ele afirmou: *"vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias"* (Atos 1:5).

Depois dessas instruções, Jesus levou Seus discípulos para o Monte das Oliveiras. Aqui Ele os encarregou de serem Suas testemunhas *"em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra"* (Atos 1:8). É também neste momento que os discípulos são instruídos para *"ir e fazer discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo"* (Mateus 28:19), dizendo que estaria sempre com eles *"até o fim do mundo"* (Mateus 28:20).

Enquanto os discípulos O observavam, Jesus ergueu as mãos, os abençoou e, em seguida, foi elevado para fora de suas vistas (Lucas 24:51, Atos 1:9). Então, dois Anjos apareceram para eles e perguntam por que estavam olhando para o céu. Então, disse um dos anjos: *"Esse*

Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir" (At 1:11).

Fonte: *O Deus Encarnado: As Festas de Jesus Cristo e da Virgem Maria, Cathering Aslanoff, editor e Paul Meyendorff, tradutor (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1995).*

Na Ascensão reside o sentido e a plenitude da Ressurreição de Cristo.

O Senhor não ressuscitou para voltar novamente para o fim da vida carnal, para voltar a viver com os discípulos e às multidões por meio de pregações e milagres. Agora, Ele nem sequer fica com eles, mas só "aparece" durante os quarenta dias, de vez em quando, e sempre de uma forma milagrosa e misteriosa. *"Ele não estava sempre com eles agora, como era antes da Ressurreição"*, comenta São João Crisóstomo. *"Ele veio e novamente desapareceu, conduzindo-os, assim, para concepções mais elevadas. Ele já não lhes permitiu continuar em sua antiga relação para com Ele, mas tomou medidas efetivas para garantir esses dois objetivos: crerem na Sua Ressurreição, e que Ele mesmo deve ser sempre maior do que o homem."* Havia algo novo e incomum em Sua pessoa (cf. João 21:1-14). Como São João Crisóstomo diz: *"Não foi uma presença aberta, mas um certo testemunho do fato de que Ele estava presente."* É por isso que os discípulos estavam confusos e com medo. Cristo não surgiu da mesma forma como aqueles que foram restauradas para a vida por Ele. Para eles foi uma ressurreição por um tempo, e eles voltaram à vida no mesmo corpo, que estava sujeito à morte e a corrupção, ao modo anterior de vida. Mas Cristo ressuscitou para sempre, até a eternidade. Ele surgiu em um corpo de glória, imortal e incorruptível. Ele levantou-se, para nunca mais morrer, pois *"Ele vestiu o mortal do esplendor da incorruptibilidade"*. Seu corpo glorificado já estava isento de ordem carnal da existência. *"Semeia-se em corrupção, é ressuscitado em incorrupção. Semeia-se em desonra, ressuscita em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder. Semeia-se corpo natural, ressuscita um corpo espiritual"* (I Coríntios. 15:42-44). Pela sua ressurreição Ele aboliu e destruiu a morte, aboliu a lei da corrupção. Agora Ele sobe para o Pai, *"sem nos abandonar mas permanecendo entre nós"* (cf. Kondakion da Ascensão). O poder de Deus, na frase de São João Crisóstomo, *"manifesta-se não só na*

Ressurreição, mas em algo muito mais poderoso." Pois Ele foi recebido no céu, e assentou-se à direita de Deus" (Marcos 16:19).

A Ascensão é uma etapa para o Pentecostes, o sinal da vinda do Espírito Santo: *"O Senhor subiu ao céu, e vai enviar o Consolador para o mundo"*

Pois o Espírito Santo ainda não estava no mundo, até que Jesus fosse glorificado. E o próprio Senhor disse aos discípulos: *"Se eu não for, o Consolador não virá para vós"* (João 16:07). Os dons do Espírito são "dons da reconciliação", um selo da Salvação realizada e da reunião final do mundo com Deus, que foi realizada na Ascensão.

Dez dias antes do Pentecostes nossa natureza ascendeu em Cristo, ao Trono do Rei, enquanto hoje o Espírito Santo desce sobre a nossa natureza. A alegria da Ascensão está na promessa do Espírito Santo. *"enchendo de alegria Teus Discípulos com a promessa do Espírito Santo"* (Trop. da Ascensão) A vitória de Cristo é operada em nós pelo poder do Espírito Santo.

Rev. George Florovsky

O Ícone da Ascensão

O ícone da Ascensão de Nosso Senhor é um ícone alegre. É pintado com cores brilhantes. Cristo é mostrado ascendendo em Sua glória dentro de uma auréola

Cristo abençoa a assembléia com a mão direita. Em sua esquerda tem pergaminho. O pergaminho é um símbolo daquele que ensina. Este ícone mostra que o Senhor nos céus é Fonte de bênçãos. Além disso, Jesus é a Fonte de conhecimento. O ícone recorda-nos que Cristo continua a ser a Fonte do conhecimento e da mensagem da Igreja, abençoando e guiando àqueles a quem confiou a Sua obra.



O ícone inclui alguns que não testemunharam a Ascensão. São Paulo é apresentado à esquerda da Mãe de Deus, mas sabemos que ele não estava presente na Ascensão, pois converteu-se posteriormente, tendo-se tornado um dos maiores Apóstolos e missionários da Igreja.

O Ícone expressa a soberania de Cristo sobre a Sua Igreja. Ele é sua Cabeça, seu Guia, sua Fonte de inspiração e de ensino, recebendo dEle sua missão e ministério, e os cumprindo pelo poder do Espírito Santo.

Fonte: *Ícones Festivos para o Ano Cristão*
por John Baggley (Crestwood, NY: St. Vladimir's
Seminary Press, 2000), pp. 134-139.

PENTECOSTES

No ciclo litúrgico anual da Igreja, o Pentecostes é "o último e grande dia." É a celebração da vinda do Espírito Santo, como o fim, realização e cumprimento de toda a história da Salvação. No entanto, é também a celebração do início: é o "aniversário" da Igreja pela presença entre nós do Espírito Santo, da nova vida em Cristo, da graça, do conhecimento, da adoção de Deus e da santidade.

Na vinda do Espírito, a própria essência da Igreja é revelada:

*"O Espírito Santo oferece tudo,
transborda de profecia, cumpre o sacerdócio,
ensina sabedoria aos analfabetos, revela pescadores
como teólogos, Ele reúne todo o conselho da Igreja."*

Nas três leituras do Antigo Testamento (Números 11:16-17, 24-29; Joel 2:23-32, Ezequiel 36:24-28) ouvimos as profecias a respeito do Espírito Santo. Aprendemos que toda a história da humanidade foi dirigida para o dia em que Deus "derramaria Seu Espírito sobre toda a carne." Este dia chegou! Toda a esperança, todas as promessas, todas as expectativas foram cumpridas.

No final da Apóstica, pela primeira vez desde a Páscoa, cantamos o hino: "Rei dos Céus, Consolador, Espírito da Verdade ...", aquele com o qual inauguramos todos os nossos serviços, todas as orações, que é, por assim dizer, o Sopro de Vida da Igreja, cuja vinda

para nós, cuja "descida" sobre nós nesta Vigília festiva, é de fato a própria experiência do Espírito Santo "vindo e habitando em nós."

Tendo atingido seu clímax, a Vigília continua como uma explosão de alegria e luz pois "verdadeiramente a luz do Consolador veio e iluminou o mundo." Na leitura do Evangelho (Jo 20:19-23), a Festa é interpretada para nós como a Festa da Igreja, da Sua natureza Divina, Poder e Autoridade. O Senhor envia os seus discípulos para o mundo, como Ele foi enviado pelo Pai. Mais tarde, nas antífonas da Liturgia, proclamamos a universalidade da pregação dos Apóstolos, o significado cósmico da Festa, a Santificação de todo o mundo, a verdadeira manifestação do Reino de Deus.

AS VÉSPERAS DO PENTECOSTES

A peculiaridade litúrgica do Pentecostes é o Ofício de Vésperas muito especial do próprio dia. Normalmente, este serviço segue imediatamente a Divina Liturgia, é ", acrescentada" a ela como a sua própria realização. O serviço começa como um solene "resumo" de toda a celebração, como a sua síntese Litúrgica. Mantemos flores em nossas mãos, simbolizando a alegria da Eterna Primavera, inaugurada pela vinda do Espírito Santo. Após a entrada festiva, esta alegria atinge o seu clímax no canto da Grande prokimenon:

"Qual deus é grande como o nosso Deus?"

Depois de ter chegado a este clímax, somos convidados a nos ajoelhar. É a primeira vez que ajoelhamos desde a Páscoa. Isso significa que, após estes cinquenta dias de alegria Pascal e da plenitude de experimentar o Reino de Deus, a Igreja agora está prestes a começar sua peregrinação através do tempo e da história. A noite se aproxima, durante a qual as tentações e fracassos nos esperam, quando, mais do que qualquer outra coisa, precisamos da ajuda Divina, cuja a presença e o poder do Espírito Santo já nos revelou e que agora vai nos auxiliar em nosso esforço para o cumprimento da Salvação.

Tudo isso é revelado nas três orações que o celebrante lê agora, enquanto de joelhos, o ouvimos. Na primeira oração, trazemos a Deus nosso arrependimento, nosso maior apelo pelo perdão dos pecados, a primeira condição para entrar no Reino de Deus.

Na segunda oração, pedimos ao Espírito Santo para nos ajudar, para nos ensinar a orar e seguir o verdadeiro caminho na noite escura e difícil de nossa existência terrena.

Finalmente, na terceira oração, nos lembramos de todos aqueles que cumpriram sua jornada terrena, mas que estão unidos a nós no eterno Deus de Amor.

A alegria da Páscoa foi concluída e temos novamente que esperar o amanhecer do Dia Eterno. No entanto, conhecendo nossa fraqueza e humilhando-nos de joelhos, também sabemos da alegria e da força do Espírito Santo que veio para nós. Sabemos que Deus está conosco, que nEle esta a nossa vitória.

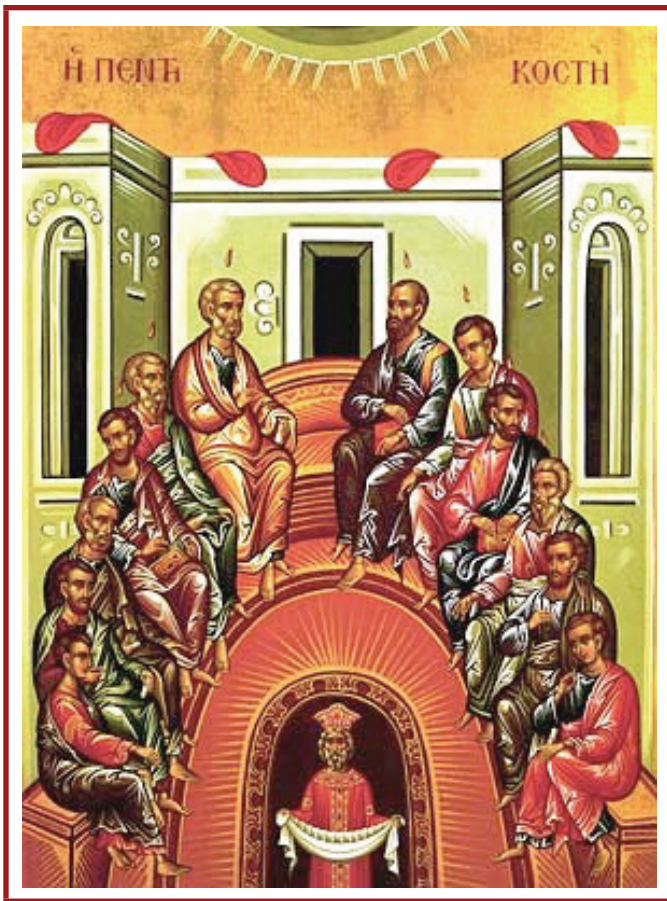
Assim se completa a Festa de Pentecostes e entramos "no tempo normal" do ano. No entanto, todos os Domingos, a partir de agora serão chamado de "depois do Pentecostes", e isto significa que é deste Poder e desta Luz que receberemos nosso próprio poder, a ajuda Divina em nossa luta diária. No Pentecostes, nós decoramos nossas Igrejas com flores e ramos verdes, pois a Igreja "nunca envelhece, mas é sempre jovem." É uma Árvore sempre viçosa, sempre-viva de Graça e de Vida, de alegria e conforto. Pois o Espírito Santo, "Tesouro das Bens e Doador da Vida, vem e habita em nós, e nos purifica de toda mácula", e enche nossa vida com significado, amor, fé e esperança.

Father Alexander Schmemmann (1974)

O ÍCONE DO PENTECOSTES

O ícone da Festa de Pentecostes, é conhecida como "A Descida do Espírito Santo". É um ícone de tons fortes de vermelho e ouro, significando que este é um grande evento. O movimento do Ícone é a partir do topo para baixo. Na parte superior, um semicírculo de onde provem raios, que estão apontados na direção dos Apóstolos e as línguas de fogo são vistos descendo sobre cada um deles significando a descida do Espírito Santo.

O prédio ao fundo do Ícone representa o Cenáculo onde os discípulos de Cristo se reuniram depois da Ascensão. Os Apóstolos são mostrados sentados em um semicírculo demonstrando a unidade da Igreja. Incluído no grupo esta São Paulo, que, embora não estivesse presente, tornou-se um Apóstolo da Igreja e o maior missionário. Também estão incluídos os quatro Evangelistas: Mateus, Marcos,



Lucas, e João segurando o Evangelho, enquanto os outros Apóstolos estão segurando pergaminhos que representam a autoridade de mestres dadas a eles por Cristo.

No centro e abaixo dos Apóstolos, uma figura real é vista contra um fundo escuro. Esta é uma figura simbólica, o **C o s m o s**, representando os povos do mundo vivem nas trevas e no pecado, envolvidos na adoração pagã. No

entanto, a figura carrega em suas mãos um pano contendo pergaminhos que representam o ensinamento dos Apóstolos. A Tradição da Igreja afirma que os apóstolos levaram o Evangelho a todas as partes do mundo.

No ícone de Pentecostes, vemos o cumprimento da promessa do Espírito Santo, enviado sobre os Apóstolos que vão ensinar as nações, batizando-os em nome da Santíssima Trindade. Aqui vemos que a Igreja está reunida e mantida na unidade através da presença e da obra do Espírito Santo, que guia a Igreja no esforço missionário por todo o mundo, e a alimenta na verdade e no amor.

Fonte:

Festival Icons for the Christian Year by John Baggley (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 2000), pp. 157-159.

FILOCALIA

Evágrio Pôntico

Evágrio o Solitário, também conhecido como Evágrio Ponticos, nasceu em 345 ou 346, provavelmente em Ibora no Ponto, embora de acordo com outra opinião, ele era um nativo da Iberia ou Iveria (Geórgia). Foi discípulo dos Padres Capadócijs, ordenado leitor por São Basílio Magno e diácono por São Gregório, o Teólogo (Gregório de Nazianzos). Acompanhou o último no Concílio de Constantinopla em 381 (segundo Concílio Ecumênico). Evágrio nunca foi ordenado Presbítero. Após uma breve estadia em Jerusalém, foi em 383 para o Egito, onde passou os restantes dezesseis anos de sua vida. Após dois anos em Nitria, onde se tornou monge, mudou-se para o deserto mais remoto de Kellia, morrendo lá em 399. No Egito teve como seu pai espiritual, o sacerdote de Kellia, São Macário de Alexandria, e é provável que também tenha conhecido São Macário, a egípcio, presbítero e pai espiritual de Sketis.

Nitria, Kelli e Sketis são os mais antigos centros monásticos Cristãos.

Através destes dois santos, entrou em contato com a primeira geração dos Padres do Deserto e com sua espiritualidade em sua forma mais pura.

Nos numerosos escritos de Evágrio se pode discernir duas tendências, uma "especulativa" e a outra "prática". No lado "especulativo", ele depende muito de Orígenes (c. 185-c. 254), tomando emprestado dele em particular, certas teorias sobre a pré-existência das almas e a apokatastasis ou definitiva restauração de todas as coisas em Cristo. Essas teorias foram condenados pelo Quinto Concílio Ecumênico (553).

No lado "prático" se baseia na experiência de vida dos Padres do Deserto do Egito, principalmente coptas, entre os quais ele passou os últimos anos de sua vida.

Evágrio possuía um dom excepcional de perspicácia psicológica e vívida descrição, juntamente com a capacidade de analisar e definir, com notável precisão, as várias etapas no caminho espiritual. Aqui os seus ensinamentos, estão longe de serem condenados, exercendo uma influência decisiva sobre escritores posteriores. Seu discípulo São João Cassiano, abandonando as suspeitas teorias de Evágrio derivadas de

Orígenes, transmitiu o aspecto "prático" dos seus ensinamentos para o Ocidente latino. No Oriente grego o vocabulário técnico elaborado por Evágrio se tornou padrão: ele pode ser encontrado, por exemplo, nos escritos de São Diádoco Fótico, São João Climaco e São Máximo, o Confessor, como também dentro da tradição siríaca, nos tratados místicos de São Isaac de Nínive. As obras incluídas por São Nicodemos na Filocalia pertencem todas ao lado "prático" de Evágrio e contêm pouco ou nenhum traço de especulações suspeitas.

Várias obras de Evágrio foram atribuídas a outros autores. É o caso dos escritos "Da Oração", que na Filocalia grega é atribuída a Neilos, mas pesquisas recentes têm deixado claro que, para além de qualquer dúvida razoável, esta é uma obra de Evágrio.

A história de Evágrio nos foi fornecida especialmente por Paládio na História Lausiaca. A História Lausiaca está entre as principais fontes do monaquismo antigo. Escrita entre 419-420, descreve a vida monástica de homens e mulheres nas diversas regiões do Oriente: Egito, Palestina, Síria e Ásia Menor.

TEXTOS SOBRE O DISCERNIMENTO EM MATÉRIA DE PAIXÕES E PENSAMENTOS

Dos demônios que se opõem a prática da vida ascética, existem três grupos que lutam na linha de frente: aqueles a quem foram confiados os apetites da gula, aqueles que sugerem pensamentos gananciosos, e aqueles que nos incitam a procurar a estima dos homens. Todos os outros demônios seguem atrás e, por sua vez atacam aqueles já feridos pelos primeiros três grupos. No se cai em poder do demônio da lascívia a menos que se tenha caído primeiramente por causa da gula. Nem a raiva é despertada, a menos que se esteja lutando por comida, bens materiais ou pela estima dos homens. Não se escapa o demônio da melancolia, a menos que não se experimente o sofrimento quando privado de todas estas coisas. Nem ninguém vai escapar do orgulho, o primeiro filho do diabo, a não ser que se tenha banido a avareza, raiz de todo o mal, uma vez que "a pobreza torna o homem humilde, de acordo com Salomão (cf. Prov. 10:04. LXX). Em suma, não se pode cair no poder de qualquer demônio, a menos que ele tenha sido ferido por aqueles da linha de frente. Por isso que o diabo sugeriu estes três pensamentos para o Salvador: primeiro ele exortou-o a transformar pedras em pães,

depois prometeu-lhe o mundo inteiro, se Cristo, prostrado, o adorasse, e em terceiro lugar, ele disse que, se o Senhor o ouvisse, seria glorificado e nada sofreria se Se jogasse do pináculo do templo. Mas o nosso Senhor, tendo-se mostrado superior à essas tentações, ordenou ao diabo que se afastasse dele. Desta forma, Ele nos ensina que não é possível afastar o diabo, a que menos, desdenhosamente, se rejeite estes três pensamentos (cf. Mt. 4:1-10).

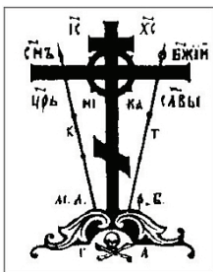
Todos os pensamentos inspirados pelos demônios produzem dentro de nós, concepções de objetos sensoriais, e desta forma o intelecto, com tais concepções impressas nele, traz as formas desses objetos dentro de si. Então, reconhecendo o objeto que lhe é apresentado, o intelecto sabe qual demônio está se aproximando. Por exemplo, se o rosto de uma pessoa que me tenha feito mal ou insultado aparece na minha mente, eu reconheço o demônio do rancor que se aproxima. Se há uma sugestão de bens materiais ou de estima, mais uma vez ficará claro qual demônio está me incomodando. Da mesma maneira, com outros pensamentos, podemos inferir do objeto que se nos aparece na mente qual demônio está por perto, sugerindo tal objeto para nós. Eu não digo que todos os pensamentos dessas coisas vêm dos demônios, pois quando o intelecto é ativado pelo homem, é da sua natureza trazer diante as imagens de eventos passados. Mas todos os pensamentos que produzem raiva ou desejo, numa forma que é contrária à natureza, são causados por demônios. Por meio da agitação demoníaca, o intelecto, mentalmente, comete adultério e torna-se indignado. Assim, não pode receber a visão de Deus, a qual nos coloca em ordem, pois o Esplendor divino somente aparece ao intelecto durante a oração, quando o intelecto está livre de concepções de objetos sensoriais.

O homem não pode rejeitar pensamentos apaixonados se não prestar atenção no poder do desejo e da luxúria. Ele destrói o desejo pelo jejum, pela vigília, dormindo no chão, e ele doma o poder que o provoca através da longanimidade, da tolerância, do perdão e através de atos de compaixão. Com essas duas paixões estão ligados quase todos os pensamentos demoníacos que levam o intelecto ao desastre e à perdição. É impossível superar essas paixões, a menos que possamos ultrapassar o apego à comida, às posses, à auto-estima e até mesmo ao nosso próprio corpo, porque é através do corpo que os

demônios muitas vezes tentam nos atacar. É essencial, portanto, imitar as pessoas que, quando em perigo no mar e jogam suas coisas fora por causa da violência dos ventos e das ondas ameaçadoras. Mas aqui devemos ter muito cuidado para o caso de lançar ao mar nossas coisas, somente para sermos vistos fazendo isso pelos homens. Então tomaremos a recompensa que queremos, mas vamos sofrer um outro naufrágio, pior que o primeiro, arrancados do nosso curso pelo vento contrário do demônio da auto-estima.

É por isso que nosso Senhor, instruindo o intelecto, o nosso timoneiro, diz no Evangelho: *"Acautelai-vos, de não dar esmolas na frente dos outros para serdes vistos por eles, pois, se você não tomar cuidado, não terá nenhuma recompensa do vosso Pai que está nos céus."* Mais uma vez, Ele diz: *"Quando orardes, não deve ser como os hipócritas, pois se comprazem em orar de pé nas Sinagogas, e nas esquinas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo, que recebem a recompensa que eles querem. . . . Além disso, quando jejuardes, não mostre um rosto sombrio, como os hipócritas; porque desfiguram seus rostos, para que possam ser vistos pelos homens quando estão em jejum. Em verdade vos digo, que recebem a recompensa que querem"*(cf. Mt 6: 1-18).

Observe como o Médico das almas aqui nos corrige através de atos de compaixão, purifica o intelecto através da oração, do jejum, e inclusive do jejum dos desejos. Através dessas virtudes o novo Adão é formado, feito novamente de acordo com a imagem de seu Criador - um Adão no qual, graças ao desapego, não há "nem homem nem mulher" e, graças à singeleza da fé, não há 'grego nem judeu, circuncisão, nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo ou livre, mas Cristo é tudo e em todos "(Gl 3:28; Col 3: 10:11).



O ÍCONE

Metropolita HILARION (Alfeyev) -
Leitura no Seminário de São Vladimir (EUA)

O ícone é, acima de tudo teológico. Ye. Trubetsky descreveu o ícone como *"contemplação em cores"*, enquanto o Padre Pavel Florensky chamou-lhe *"lembrança do protótipo nas alturas"*. O ícone nos lembra de Deus como o Protótipo, em cuja imagem e semelhança todo ser humano é criado. O significado Teológico do Ícone é que ele fala na linguagem da arte, sobre as verdades dogmáticas, reveladas aos homens na Sagrada Escritura e na Tradição da Igreja.

Os Santos Padres viram o ícone como um Evangelho para os analfabetos. *"As imagens usadas nas Igrejas, permitem aos analfabetos ler nas paredes, o que eles são incapazes de ler nos livros"*, escreveu São Gregório Magno, Papa de Roma. De acordo com São João Damasceno *"a imagem é um memorial, assim como as palavras o são para um*

ouvido atento. O que um livro é para os alfabetizados, uma imagem é para os analfabetos. A imagem fala para a visão, assim como palavras para audição, na mente, entramos em união com ela. São Teodoro Studita sublinhou que "o que está escrito no Evangelho em papel e em tinta é representado no ícone através de das tintas e de outros materiais". No Artigo VI do Sétimo Concílio Ecumênico (787) lê-se: "O que uma palavra comunica através da audição é o que a arte mostra silenciosamente através de uma imagem".



Os ícones podem desempenhar um papel catequético. *"Se um dos pagãos vem até você, dizendo: mostre-me sua fé ... vai e leve-o à igreja e coloque-o diante de todos os tipos de Imagens sagradas"*, diz São João Damasceno.

Ao mesmo tempo, o Ícone não pode ser visto como uma simples ilustração do Evangelho ou a descrição de acontecimentos na vida da Igreja. *"O Ícone não representa qualquer coisa, na verdade revela algo"*, afirma o Arquimandrita Zenon. Em primeiro lugar, nos revela o Deus invisível - Deus que, de acordo com o Evangelista, *"ninguém jamais viu"*, mas que foi revelado à humanidade na pessoa de Deus-Homem Jesus Cristo (Jo 1:18).

A IMAGEM NO ANTIGO TESTAMENTO

Como sabemos, no Antigo Testamento imagens de Deus eram estritamente proibidas. No primeiro mandamento do Decálogo Mosaico se diz: *"Não farás para ti imagem sob a forma de qualquer coisa, em cima no céu ou embaixo na terra, nem nas águas abaixo. Você não deve se curvar a elas nem as servirás, porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso"* *"Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso"*. (Êxodo 20:4-5) Qualquer imagem do Deus invisível seria fruto da imaginação humana e falsidade para com Deus; adorar uma imagem equivaleria a adorar a criação em vez do Criador. O Novo Testamento, no entanto, revela um Deus que se fez homem, visível para os homens. Com a mesma insistente afirmação de Moisés, de que as pessoas não viram Deus no Sinai, o apóstolo afirmam que O viram: *"Nós vimos a Sua glória, a glória do Filho único, que veio do Pai"* (Jo . 01:14), *"O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos ... a Palavra da vida"* (1 Jo 1:1).. E enquanto Moisés declara que o povo de Israel não via *"nenhuma forma"*, mas apenas ouvia a voz de Deus, São Paulo chama Cristo *"a imagem do Deus invisível"* (Cl 1:15), e do próprio Cristo diz: *"Quem me vê, vê o Pai"*. O Pai invisível se revela ao mundo através de Sua imagem, Seu Ícone, através de Jesus Cristo, o Deus invisível, que se tornou um homem visível.

O ÍCONE COMO TESTEMUNHO DE FÉ

O que é invisível não pode ser representado, mas o que é visível sim, porque já não seria fruto da imaginação, mas uma representação da realidade material. A proibição do Antigo Testamento de imagens do Deus invisível, de acordo com São João Damasceno, prenuncia a possibilidade de fazê-lo quando Deus se torna visível. São João diz: *"É óbvio que, naquela época [antes de Cristo] não se poderia fazer uma imagem do Deus invisível, mas quando você vê Aquele que não tem forma tornar-se homem para o seu benefício, então você fará imagens Dele na Sua forma humana. Quando se contempla a Deus tornando-se homem, então se pode representa-Lo, revestido da Sua forma humana. Quando o invisível se torna visível para nós então pode-se desenhar a Sua semelhança ... pintar tudo com palavras e em cores, tanto em livros como em pranchas"*.

Continua no próximo Boletim



BREVE RELATO SOBRE O MOSTEIRO DE SÃO NICOLAU

Hoje vivem no Mosteiro o Arquimandrita Jerônimo e o monge Constantino, egresso da Igreja Russa fora da Rússia, que nos últimos dois anos viveu nos fundos de uma Igreja do Patriarcado de Moscou, em Porto Alegre.

As Horas Canônicas são celebradas diariamente, enquanto que a Sagrada Liturgia a cada quinze dias na Igreja do Mosteiro. Isso se dá em razão das visitas pastorais do Arquimandrita com Pe. Emiliano às novas comunidades em Mamanguape e também devido a celebração quinzenal na Paróquia de São Pedro e São Paulo, em Pirpirí.



Igreja de Santa Catarina de Alexandria

A Igreja do Mosteiro é dedicada à Santa Catarina de Alexandria, que foi sagrada pelo Metropolita Gabriel em junho de 1991.

Os trabalhos incluem limpar a casa monástica, a Igreja, lavar as roupas, fazer compras para reabastecer o Mosteiro, cuidar do jardim, roçar o mato, etc. Por enquanto não tem horta nem animais, serviços que demandariam um número maior de monges.



Existem muitas frutas que são aproveitadas para uso próprio, sendo o excedente distribuído pela vizinhança além de roupas e agasalhos que o Mosteiro recebe do Rio de Janeiro, do Recife e mesmo da Paraíba.

A casa monástica é uma construção muito antiga que constantemente requer

reformas e melhorias. Atualmente o maior problema é com os telhados (tanto da Igreja como da casa) que precisam ser restaurados por causa de goteiras disseminadas em várias partes.

Originalmente funcionava no local a Paróquia de Sta. Catarina, a Grande, fundada pelo Pe. Filipe em 1988. Posteriormente, aproximadamente em 1996, a Diocese adquiriu as terras do sítio ao lado da Paróquia, que pertenciam a um casal de fiéis: o Sr. Paulo Adissi e Maria Elza.

A Igreja original serve hoje as necessidades rituais do Mosteiro e é Paróquia para a comunidade que reside em volta.



O Mosteiro iniciou suas atividades a partir de um decreto de nosso Hierarca, o Sr. Dom Chisóstomo, exarado em dezembro de 2004, no qual ele fica sob nossa responsabilidade.

Os Estatutos Gerais dos Mosteiros da Igreja Ortodoxa do Brasil, pelos quais o O Mosteiro de S. Nicolau é administrado, foram aprovados em Assembleia Geral dos membros da Igreja em novembro de 2009.

O Mosteiro está situado no Sítio Alexandria, s/n - Pousada do Conde, km 97.5 da BR 101 - Conde - Paraíba.

NOTÍCIAS



Teve início em maio passado o curso de Iconografia na Fazenda São Manuel, que será ministrado pela iconógrafa Ana Maria para o fiéis e interessados da Paróquia de São João, o Precursor em Cordeiro, RJ. As aulas terão periodicidade mensal.



O FOGO SAGRADO DESCE SOBRE O SANTO SEPÚLCRO DO SENHOR

O milagre mais que milenar se repetiu: durante as festividades Pascais no Grande Sábado (4 de maio), na Basílica da Ressurreição, o Fogo Santo desceu.



O número de fiéis que atenderam a celebração nesse ano foi estimado em 10 mil no interior da igreja e mais 10 mil no pátio externo. Cantando hinos de estímulo a fé cristã ortodoxa que datam da ocupação turca na Palestina, os fiéis árabes preenchem o atmosfera com alegria e emoção.

Por volta da uma hora da tarde o silêncio impera pela expectativa do que se aproxima.

O evento é precedido por uma cerimônia complexa: as portas do Sepulcro são seladas com cera por autoridades locais(israelenses) que inspecionam o templo a fim de verificar quaisquer mecanismos que permitam ao Patriarca acender suas velas junto a tumba do Senhor.

O Patriarca Ortodoxo de Jerusalém adentra a Tumba e lá permanece em meio as orações e súplicas dos fiéis ao Senhor e a Theotokos. Ao sair do Sepulcro ele aparece com velas



acesas nas mãos, numa quase total escuridão e distribui a chama aos fiéis. Muitos se “lavam” com as chamas, como se fosse um perfume ou óleo preciosos.

Representantes das Igrejas Ortodoxas recebem a chama e enviam-na para suas respectivas nações (a maioria na Europa oriental) onde ela é recebida com honra pelos Líderes de Estado.

Os testemunhos a respeito do milagre são inúmeros: chamas que não queimam a pele ou cabelos, velas e lamparinas acesas espontaneamente, uma Luz incriada que aparece repentinamente em pontos diferentes do Santo Sepulcro.

O Fogo foi descrito por Bernardo no séc. IX e pelo monge russo Daniel no séc. XII, ambos em peregrinação a Terra Santa.

*Fonte: OrthoChristian.com
holyfire.org*

PATRIARCA BARTOLOMEU: O QUE O ÉDITO DE MILÃO SIGNIFICA PARA NÓS HOJE



Durante a visita à Arquidiocese de Milão, pela celebração de 1700 anos do édito de Constantino, o Patriarca de Constantinopla, Bartolomeu I, expressou suas considerações a respeito da liberdade religiosa e do cristianismo na sociedade atual. O hierarca observou que “com grande pesar vemos ainda hoje cristãos de todas as denominações sendo perseguidos em muitos lugares, como inimigos da sociedade e do Estado; a fé cristã não é tolerada em muitos países através de diversas leis. Apesar do aparente progresso relativo aos direitos humanos, a perseguição aos cristãos não cessou.”

O cardeal católico Angelo Scola adicionou que “a liberdade é destruída de diferentes maneiras, desde martírio no Oriente Médio aos obstáculos que inviabilizam sua plena implementação na Europa.”

Na igreja de Santa Maria Podone, cedida à comunidade ortodoxa, o Patriarca realçou que “graças a liberdade concedida, e às reformas de Constantino o Grande em todos os níveis de legislação e vida do império, sob a forte influência dos ensinamentos cristãos, as bases e fundamentos dos direitos humanos básicos foram postas”. “Entretanto, as leis são infelizmente modificadas...às vezes para o bem, mas em geral para o mal”

O Patriarca também enfatizou a questão da unidade eclesiástica: “o Imperador estava muito interessado na unidade da Igreja; essa pressupõe unidade de fé, sem a qual é essencialmente impossível.” “A organização de um império cristão unido foi parte da visão abrangente de Constantino... Certamente, sem essa perspectiva a Europa atual, por analogia, não teria essa herança espiritual. Iguamente o mundo não teria assimilado com a mesma profundidade a difusão da mensagem cristã sobre Deus, o Homem e o mundo; uma mensagem que deve ter o único propósito da deificação do Homem.”

Bartolomeu concluiu dizendo que “vivendo segundo os mandamentos do Santo Evangelho e agindo com sabedoria e santificação contínua, nós resistimos ao poder destrutivo da globalização e da vida material no mundo de hoje, tendo como modelos Constantino o Grande e Ambrósio, cujas relíquias estão preservadas neste templo para confortar e alegrar nossos corações, reunidas para anunciar “*o que vos há de acontecer nos dias vindouros*” (Gn 49,1)

Fonte: johnsanidopoulos.com



LEITURAS DO MÊS DE JUNHO

19/1, Sábado

Stº. Pont. e Márt., Patrício, Bp. de Prúsa, e três Presbs., Acácio, Menandro e Poliano (+ 362); Stº. Ighúmeno e Míst., Cornélio, o Taumaturgo, Fundador do Mosteiro de Komel (4ª Ct.) (+ 1537);

Lit.:..... At 12, 1-11;..... Jo 8, 31-42

20/2, Domingo

5º DOMINGO DEPOIS DA PÁScoa DOMINGO DA SAMARITANA

Stº. Márt., Falaleu, de Egah – Cilícia, e seus comps., Alexandre e Astério, Márt., (+ c. 284); Descoberta das Relíquias de Santo Alexis, Metr. de Kiev e todas as Rússias em 1431 (4ª Ct.);

Ícone da Mãe de Deus de Pech

Matinas:..... Jo 20, 1-10 (7ºEvg)

Lit.: At 11, 19-26; 29-30; Jo 4, 5-42

21/3, Segunda-feira

5ª Semana após a Páscoa

SS. Grandes Imperadores, Fiéis e Confessores, CONSTANTINO O GRANDE (+ 337) e sua mãe, HELENA (+ 327), Iguais aos Apóstolos (3ª Ct.); S. Fiéis e Confs., Constantino (+ 1129) e seus filhos, Miguel (+ 1192) e Teodoro (+ c. 1200), Prínc. de Mourmansk (4ª Ct.);

Ícone da Mãe de Deus de Vladimir (3ª Ct.)

Lit.:..... At 12: 12-17;..... Jo 8: 42-51(dia)

Lit.:..... At 26, 1-5, 12-20;..... Jo 10, 1-9 (dos Imperadores)

22/4, Terça-feira

S. Márt., Basilisco, Sobrinho de São Teodoro o Tironiano, (+ 308);

Lit.:..... At 12: 25-13: 12;..... Jo 8: 51-59

23/5, Quarta-feira

Encerramento da Festa do Semi-Pentecostes

Stº. Pont. e Conf., Miguel, Bp. de Sinada - Frígia (+ 821);

Lit.:..... At 13: 13-24;..... Jo. 6: 5-14

Ofícios segundo o Pentecostário. Tudo da Festa.

24/6, Quinta-feira

STO. EREM. E MÍST., SIMEÃO, O ESTILITA (O JOVEM), DO MONTE ADMIRÁVEL (5ª Ct.) (+ 596);

Lit.: At 14, 20-27;..... Jo 9, 39-10, 9

25/7, Sexta-feira

3ª Descoberta da Preciosa Cabeça de São João, Profeta, Precursor e Baptista de Nosso Senhor Jesus Cristo (c.850)(3ª Ct.);

Vésp.: 1) Is. 40: 1-5, 9; 41: 17-18; 45: 8; 48: 20-21; 54: 1.

2) *Ml.* 3: 1-3, 5-7, 12, 17, 18, 4: 4-6.

3) *Sb.* 4: 7, 16-17, 19-20; 5: 1-7.

Matinas:..... *Lc* 7, 17-30

Lit.:..... *II Co* 4, 6-15; *Mt* 11, 2-15

Lit.:..... *At* 15, 5-34;..... *Jo* 10, 17-28(*dia*)

26/8, Sábado

SS. APÓSTOLOS, CARPO E ALFEU, DOS SETENTA, DISCS. DO SENHOR (+ séc. I); Stº. Márt., Jorge, o Jovem (5ª Ct.) (+ 1515);

Lit.: *At* 15: 35-41;..... *Jo* 10: 27-38

27/8, Sábado

6º DOMINGO DEPOIS DA PÁSCOA – DOMINGO DO CEGO DE NASCENÇA

Sto. Pont. e Márt., Eládio, Bp. de Pérsia, (+ 539 ou 615); Stº. Pont. e Márt., Terraponto, Bp. de Sárdis (+ 259); Descoberta das Relíquias de São Nilo, de Stolobienhsk, em 1667 (4ª Ct.)

Matinas:..... *Jo*: 11-18 (8º Evg.)

Lit.:..... *At* 16: 16-34;..... *Jo* 9: 1-38

28/10, Segunda-feira

6ª Semana após a Páscoa

Sto. Pont. e Márt., Êutico, Bp de Melitânia (+ séc. I); Sto. Pont. e Míst., INÁCIO, o Taumaturgo, Abp. de Rostov (5ª Ct.) (+1288); Hiero-Mártir Inácio de Jableczna.

Lit.:..... *At* 17, 1-15;..... *Jo* 11, 47-57

29/11, Terça-feira

STA. MEGALOMÁRTIR, TEODÓSIA DE TIRO (+ 307); Stº. Fiel e Míst., João, Louco em Cristo, o Taumaturgo de Ostiug (5ª Ct.) (+ 1494); **Sto. Pont. e Dr. ALEXANDRE, Patriarca de Alexandria (3ª Ct.)** (+ 328);

Lit.:..... *At* 17, 19-28;..... *Jo* 12, 19-36

30/12, Quarta-feira

Encerramento da Festa da Páscoa

Stº. Ighúmeno e Conf., Isaac, do Mosteiro da Dalmácia (+ 383);

Lit.:..... *At* 18, 22-28;..... *Jo* 12, 36-47

Ofícios segundo o Pentecostário. Tudo da Festa.

31/13, Quinta-feira

GRANDE DÓDECA FESTA DA ASCENSÃO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

Stº. Márt., Hermas, o Soldado, de Comanes – Capadócia (+ 150)

STO. APÓSTOLO E DISC. DO SENHOR, HERMAS, DOS SETENTA (+ séc. I);

Vps:..... *Is.* 2: 1-3 *Is.* 62:10-12; 63: 1-3,7-9;..... *Zc.* 14: 4, 8-11

Matinas:..... *Mc* 16: 9-20

Lit.:..... *At* 1: 1-12;..... *Lc* 24: 36-53

JUNHO

1/14, Sexta-feira

Pós-Festa da Ascensão

Stº. Márt. e Conf., **JUSTINO**, O FILÓSOFO, seu comp. Justino Romano, e com eles, Carítono e sua esposa Carita, Evelisto, Hieráxio, Peônio, e Valeriano (+ 166); Stº. Ighúmeno, Dionísio (Dinis) de Glusick (5ª Ct.) (+ 1437); STO. PONT. E MÁRT., ONOFRE, DE PULAVSK – CHELM PODLASKI, BP. DE CHERSON (+ 1938);

Lit.:..... At 19: 1-8;..... Jo 14: 1-11

2/15, Sábado

Pós-Festa da Ascensão

Stº. Pont. e Conf., Nicéforo I, Arcebispo de Constantinopla – o Nova Roma e Patriarca Ecumênico (+ 829); Stº. Megalomártir, JOÃO, o Jovem, de Belgrado (5ª Ct.) (+ c. 1335);

Lit.:..... At 20: 7-12;..... Jo 14: 10-21

3/16, Domingo

7º DOMINGO DEPOIS DA PÁSCOA – DOMINGO DOS SS. PADRES DO 1º CONCÍLIO ECUMÊNICO

Pós-Festa da Ascensão

SS. Márt., Luciliano e seus comps., a Virgem Paula, e 4 crianças: Cláudio, Hipácio, Paulo, e Dionísio (Dinis), de Nicomédia (+ c. 270-275);

Matinas: Jo 21, 1-14

(10ºEvg)

Lit.:..... At 20, 16-18; 28-36;..... Jo 17, 1-13

4/17, Segunda-feira

7ª Semana após a Páscoa

Pós-Festa da Ascensão

Sto. Pont. e Míst., Mitrófano I, Patriarca da Constantinopla, (+ 326);

Lit.: At 21, 8-14;..... Jo 14, 27-15, 7

5/18, Terça-feira

Pós-Festa da Ascensão

Stº. Pont. e Márt., Doroteu, Abp. De Tiro (+ 362);

Lit.:..... At 21, 26-32; Jo 16, 2-13

6/19, Quarta-feira

Pós-Festa da Ascensão

Stº. Erem. e Míst., Bessarião, Taumaturgo do Egito, Disc. de Sto. Isidoro de Pelusa (+ 466); Sto. Ighúmeno e Conf., Hilarião, o Jovem, da Dalmácia (+ 845);

Lit.:..... At 23, 1-11;..... Jo 16, 15-23

7/20, Quinta-feira

Pós-Festa da Ascensão

Stº. Pont. e Márt., Teodoto, Bp. de Ancira (+ 303);

Lit.:..... At 25, 13-19;..... Jo 16, 23-33

8/21, Sexta-feira

Encerramento da Festa da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo

Trasladação de Relíquias de São Teodoro o General, de Amásia para Eucaites, em 319 (5ª Ct.);

Lit.: At 27, 1-44;..... Jo 17, 18-26

Ofícios segundo o Pentecostário. Tudo da Festa.

9/22, Sábado

Sábado da Santíssima Trindade - Grande Sábado dos Defuntos

Stº. Pont. e Dr., CIRILO o Grande, Papa de Alexandria (5ª Ct.) (+ 444); Stº. Ighúmeno e Míst., Círiilo, de Lago Branco (Bieloeziersk) – Rússia (4ª Ct.) (+ 1427);

Lit.: 1 Ts 4: 13-17; Jo 5: 24-30 (pelos defuntos)

Lit.: At 28: 1-31; Jo 21: 15-25 (do sábado)

Na **Vésperas**: Em lugar do Prokímenon, “Aleluia” com seus versos (de Orthros ou de Paníkida); Tropário dos Defuntos “Profunda Sabedoria...”;

“Glória...Eternamente...” Theotókion de Defuntos.

Em **Orthros**: Catisma 17 dividido em duas partes. Em lugar das Peq Litanias, as litanias para os defuntos, que são cantados na centro da igreja (na paníkida), com a comemoração dos defuntos. Canônes 2: dos defuntos e do padroeiro da Igreja.

Na **Liturgia**: cantamos “Verdadeiramente é digno”. Em lugar de “Nós vimos a verdadeira Luz,...”, cantamos o Tropário dos Defuntos: “Profunda Sabedoria...”

10/23, Domingo

8º DOMINGO DEPOIS DA PÁScoa DOMINGO DE PENTECOSTES

Grande Festa da Santíssima Trindade - Festa da Descida do Espírito Santo Festa do vivificante corpo místico de Cristo: A IGREJA

SS. Mártis., Alexandre, o Soldado, e Antonina, a Virgem, de Bizâncio (+ c. 313);

Vésp.: 1) Nm. 11: 16-17, 24-29; 2) Joel. 2: 23-32; 3) Ez. 36: 24-28;

Matinas: Jo 20, 19-23

Lit.: At 2, 1-11; Jo 7, 37-52; 8, 12

Grande Vésperas: 1º Catisma. Paramias. Lítia.

Orthros: Polieleios. Evlogitaria. Não cantamos: “Tendo contemplado...”, o “Magnificat” e “Santo é o Senhor, nosso Deus”.

Liturgia: Na Peq Entrada, a proclamação: “Exalta-te, Senhor, na tua força; então cantaremos e louvaremos o teu poder”. Em lugar do Triságion: “Vós todos os que fostes batizados em Cristo...”. Em lugar de “Verdadeiramente é digno” o cântico da festa. Cantamos “Nós vimos a verdadeira Luz,...”. Depois da conclusão da Sagrada Liturgia, cantamos a Nona e Vésperas, iniciando com “Rei dos Céus”, Entrada com Incenso, Gr Prokímenon, e as orações de joelhos

11/24, Segunda-feira

Segunda-feira do Espírito Santo

1ª Semana após o Pentecostes

SS. APÓSTOLOS E DISCIPULOS DO SENHOR, BARTOLOMEU E BARNABÉ (3ª Ct.) (+ Séc. I);

Lit.: *Ef 5: 8 -19;*..... *Mt 18: 10-20*

Lit.: *At 11, 19-26, 29-30;*..... *Lc 10, 16-21 (dos Apóstolos)*

Semana completa (s/ abstinências ou jejuns)

I CICLO – Início

12/25, Terça-feira

Sto. Erem. e Míst. ONOFRE DO EGITO, O GRANDE, (5ª Ct.)(+Séc.IV); S. EREM. e MÍST., PEDRO, O ATONITA, INICIADOR DA VIDA MONÁSTICA NO SANTO MONTE ATOS (5ª Ct.) (+734)

Ícone de Sto. Onofre, o Grande, a Jableczna (c. séc. XIV); Ícone de Mãe de Deus de Jableczna (c. séc. XIV);

Synaxis de Todos os SS Monges do S. Mosteiro Stávropigial do Stº. Erem. e Míst., Onofre o Grande em Jableczna: Stº. Pont. e Márt., ONOFRE, de Pulavsk – Chelm Podlaski, Bp. de Cherson (+ 1938); Stº. Monge e Márt., INÁCIO, de Jableczna (+ 1942); Stº. Hieromonge e Márt., LEÔNCIO, o Taumaturgo, de Tarnopol (+ 1972);

Matinas:..... *Mt 11, 27-30*

Lit.:..... *Rm 1: 1-7, 13-17;*..... *Mt 4: 25-5: 13(do dia)*

Lit.: *Gl 5, 22-6, 2;*.....*Lc 6, 17-23 (do Santo)*

13/26, Quarta-feira

Sta. Márt., Aquilina de Biblos – Fenícia (+ 293);

Lit.:*Rm 1, 18-27;*..... *Mt 5, 20-26*

14/27, Quinta-feira

STO PROFETA, ELISEU (+ Séc. IX a J.C.); Stº. Pont. e Conf., Metódio I, Abp. de Constantinopla e Patriarca Ecumênico (+ 846);

Lit.: *Rm 1: 28-2: 9;*..... *Mt 5: 27-32*

15/28, Sexta-feira

STO. PROFETA, AMÓS (+ Séc. VIII a J.C.); Stº. Pont. e Míst., Jonas, Metr. de Moscou e todas as Rússias, o Taumaturgo (3ª Ct.) (+ 1461);

Lit.: *Rm 2, 14-29;* *Mt 5, 33-41*

16/29, Sábado

ENCERRAMENTO DA FESTA DO PENTECOSTES

Stº. Pont. e Míst., Tikhon, o Taumaturgo, Bp. de Amatonte – Chipre (+ séc. V);

Lit.: *Rm 1, 7-12;*.....*Mt 5, 42-48*

Ofícios segundo o Pentecostário e Menaia.

Tudo da Festa.

17/30, Domingo

**1º DOMINGO APÓS O PENTECOSTES
DOMINGO DE TODOS OS SANTOS - T. 8**

SS. Márt., Manuel, Sabel e Ismael da Pérsia, de Calcedônia (+ 362);

Vésp.:..... 1) *Is. 43:9-14*.....2) *Sb. 3:1-9*..... 3) *Sb.5:15-6:3;*

Matinas:.....*Mt 28, 16-20 (1ºEvg)*

Lit.:*Hb 11: 33-12: 2;*.....*Mt 10: 32-33, 37-38; 19: 27-30*

O Boletim Ortodoxo é um órgão informativo da Eparquia do Rio de Janeiro e Olinda-Recife - Igreja Ortodoxa Autocéfala da Polônia e terá periodicidade mensal.

Colaboradores:

Editor: Arcipreste Bento

Notícias: Rev. Emanuel e Acácio

Calendário e Typicon: Maria Solange

Comunicação: Lucas Mesquita

Transcrições: Heloisa Werneck

Para comentários e colaborações e perguntas:

boletim.ortodoxo@igrejaortodoxadobrasil.org.br

Para Assinatura:

boletim.assinatura@igrejaortodoxadobrasil.org.br

Capa: *Os cinco Domingos posteriores à Páscoa:*

Domingo de Tomé

Domingo das Miróforas

Domingo do Paralítico

Domingo da Samaritana

Domingo do Cego de Nascimento